

PRESENÇA DA PASTORAL DA CRIANÇA NOS BOLSÕES DE POBREZA: POR UMA PEDAGOGIA DA SOBREVIVÊNCIA (DÉCADAS 1980/1990) – José Mateus do Nascimento/ Marlúcia Menezes de Paiva (Orient.) – UFRN/CNPq – Eixo Temático 1 – Políticas educacionais e movimentos sociais

A pesquisa objetiva analisar a ação social da Pastoral da Criança e refletir sobre como a instituição contribui para o cultivo de uma pedagogia da sobrevivência nos bolsões de pobreza. Trata-se de história recente que abrange os anos 1980, época do natalício do trabalho pela experiência piloto em Florestópolis (Londrina) e expansão pelas dioceses do Brasil; e os anos 1990, período em que ganhou notoriedade mundial e conseqüente implantação de trabalhos semelhantes em países da América Latina, Europa e África.

A investigação trata com fontes bibliográficas (jornais, livros, revistas); com fontes orais, pela realização de entrevistas com agentes pastorais (coordenadores e líderes comunitários) que atuam nas diversas instâncias da instituição e integrantes de famílias acompanhadas; e com a observação de eventos promovidos pela instituição, como: capacitação de líderes, reuniões de avaliação e reflexão, visitas domiciliares, celebrações da vida.

Considera como eixo central a análise compreensiva das fontes orais (os discursos), articulando-se ao estudo da bibliografia pertinente e a observação dos registros de campo, produzidos com base na ação dos agentes pastorais nas comunidades.

Efetivamos entrevistas com um representante de cada instância da instituição, a começar pela coordenação nacional, passando pelas coordenações estadual, diocesana, de área, paroquial e comunitária, chegando a conversar também com líderes e familiares das crianças acompanhados. Abaixo, visualizamos um quadro do perfil dos agentes pastorais entrevistados:

AGENTE PASTORAL	IDADE	FORMAÇÃO	CARGO ATUAL	FUNÇÃO NO INÍCIO DA ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	LOCAL	DATA
AP1	35	Filosofia	Gestor de relações institucionais na Coord. Nacional	Coord. de políticas públicas na Coord. Nacional	8 anos	Coordenação Nacional – Curitiba/PR	08/11/2004
AP2	42	Letras	Coord. Estadual (RN)	Coord. diocesano em Caicó/RN	18 anos	Centro Administrativo Pio X – Natal/RN	13/01/2005
AP3	42	Pedagogia	Coord. Arquidiocesana	Líder	10 anos	Centro Administrativo Pio X	02/08/2005

			(Natal)			- Natal/RN	
AP4	44	Pedagogia	Coord. de Área (Centro)	Líder	8 anos	Centro Administrativo Pio X - Natal/RN	17/01/2005
AP5	45	Pedagogia	Coord. Paroquial (Parque dos Coqueiros)	Líder	4 anos	Brinquedoteca da Capela Santa Clara	13/02/2005
AP6	18	Médio	Coord. Comunitária (Capela Santa Clara)	Líder	4 anos	Residência da Coord. Paroquial	17/04/2005
AP7	30	Médio	Líder (Capela Santa Clara)	Líder	3 anos	Fundação José Augusto	02/05/2005
AP8	28	Fundamental em curso	Líder Comunitário - Capela São Bartolomeu (Vila Paraíso)	Líder	4 anos	Salão Paroquial da Capela São Bartolomeu	22/10/2005
AP9	51	Ensino Médio	Líder Comunitário - Capela São Bartolomeu (Vila Paraíso)	Líder	2 anos	Salão Paroquial da Capela São Bartolomeu	22/10/2005
AP10	20	Ensino Médio	Líder Comunitário- Capela Santa Clara (Vale Dourado)	Líder	5 anos	Brinquedoteca da PCr - Capela Santa Clara	24/06/2006
AP11	18	Ensino Médio em curso	Líder Comunitário- Capela Santa Clara (Vale Dourado)	Líder	2 anos	Residência da Líder Comunitária na Comunidade Vale Dourado	29/07/2006
AP12	18	Ensino Médio	Líder Comunitário- Capela Santa Clara (Vale Dourado)	Líder	2 anos	Residência da Líder Comunitária na Comunidade Vale Dourado	29/07/2006

Como campo empírico, elegemos comunidades pobres ligadas a Paróquia Santo Antônio de Pádua, localizada no bairro de Nossa Senhora da Apresentação, Zona Norte de Natal, Rio Grande do Norte. Especificamente, os trabalhos de acompanhamento se desenvolveram nas Pastorais da Criança na capela Santa Clara, comunidade de Vale Dourado, e na São Bartolomeu, em Vila Paraíso. A indicação veio da Coordenação Diocesana da Pastoral, referindo-se a área como a mais atuante e com maior número de agentes pastorais e famílias acompanhadas.

A pesquisa em desenvolvimento considera que a Pastoral da Criança, por meio de sua ação social nas comunidades carentes, ensina as famílias pobres a lidarem com as condições extremas de pobreza por meio do uso de elementos que estruturam modalidades de ação que oportunizam maneiras de escape, de sobrevivência para a criança pobre. Diante das condições de limite e na ausência de oportunidades, ocorre

um incentivo para a promoção de táticas de resistência, quando se orienta a família pobre a lidar com os limites, o alternativo, o essencial, a probabilidade e a inventividade.

A criação da Pastoral da Criança foi ressonância da nova estratégia da Igreja Católica Brasileira em lançar, a partir dos anos 1960, estratégia pastoral para alcançar as bases populares. A ação visava refazer suas bases no poder, implantando-se nas zonas periféricas das cidades.

A realização do Vaticano II provocou uma reflexão em profundidade sobre o mistério da Igreja e sua missão de evangelizar o mundo, lançando princípios de renovação espiritual e estrutural do corpo eclesial, quando reconhece que deve ser executora de uma ação de caráter pastoral, ecumênica e descentralizadora, chamando os leigos à santidade e à partilha da vocação missionária da Igreja. Conforme Barros (1968), o Concílio Vaticano II já propunha: atenção para as igrejas locais; descentralização das ações; novas exigências para a ação pastoral e novos tipos de coordenação.

A estrutura de pastorais provocou profunda mudança na infra e micro-estrutura das dioceses e buscava dinamizar o relacionamento do povo de Deus; estabelecer um novo tipo de intercâmbio entre diocese-hierarquia e comunidade humana; superar as estruturas rígidas para estruturas mais dinâmicas a serviço das massas pobres.

A Hierarquia eclesial não deixou de crer numa igreja plural e por isso investiu no surgimento de várias pastorais, organizando o laicato em áreas específicas de atuação, considerando interesses, necessidades, gênero, faixa etária de cada grupo, montando uma estrutura administrativa entre arquidioceses, dioceses, paróquias e capelas.

A configuração das pastorais como organismos promotores de ação sócio-educacional e religiosa, surgem neste contexto e se constituem como nova dinâmica de intervenção nas comunidades, tanto nos centros urbanos como no interior dos Estados. Para Lima (1979, p.56), a organização do sistema de pastoral, representou, para a Igreja, a instituição de novos espaços de atuação e de diálogo com a classe popular. Durante os anos 80 as pastorais de ação¹ se difundiram por todo o Brasil e integraram os programas e projetos sociais que as paróquias, dioceses e arquidioceses desenvolveram junto ao povo. Foram organizadas a pastoral da família, a pastoral da juventude e as

¹ Natal é pioneira na pastoral planejada e de conjunto, modelo este que hoje se estende à todas as dioceses do Brasil. Um dos primeiros planos pastorais, datado de 1961, baseava-se no tema: “liturgia, opinião pública, catequese e pastoral de conjunto.” (conf. informações dos Murais expostos no Centro Pastoral Pio X, subsolo da Arquidiocese de Natal) Informação confirmada por Barros (1968) e Matos (1985).

pastorais sociais, que se desmembravam nas pastorais da comunicação, do dízimo, da saúde, da criança, do menor, do operário, dos pescadores, da mulher e da carceragem.

A pastoral no sentido de ação, cuidado, dedicação a uma causa social. Definida por Barros (1968, p. 102) como estrutura que funciona como

[...] um centro vivo capaz de significar e realizar a união do povo de Deus. Os diversos membros desse povo devem nela se encontrar, pessoal ou comunitariamente, cada um da maneira que lhe é peculiar, sua integração, em vista de realizar mais plenamente a unidade visível do corpo místico de Cristo.

A pastoral longe de ser entendida como setor paralelo e isolado, deve constituir-se um todo orgânico, respeitando as peculiaridades de cada carisma que estão a serviço de Deus.

A Pastoral da Criança foi articulada pelo Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, e o Arcebispo Dom Geraldo Majella Agnelo, na paróquia de São João Batista, em Florestópolis, Estado do Paraná, no ano de 1983. “A Pastoral da Criança nasceu de uma proposta, de um desafio que a Igreja fez [...].”^{API} Dra. Zilda Arns, coordenadora nacional da Pastoral da Criança relembra que

Sucederam-se, então, reuniões com as lideranças locais para que compreendessem que a metodologia deveria ser a capacidade e o acompanhamento contínuos de liderança de cada rua e de cada capela rural, e que o caminho a ser percorrido era o exercício cotidiano da função de Bom Pastor com as famílias, gestantes e crianças.

Assim, foram identificados cerca de vinte líderes, na maioria professoras, que se encarregaram de organizar o trabalho. Elas próprias mapearam as áreas e identificaram outras lideranças, mesmo de outras religiões. Entre as lideranças, foram escolhidas as coordenadoras comunitárias que, naquele tempo, eram chamadas de “supervisoras”. (NEUMANN, 1998, p.14)

A Pastoral da Criança firmou-se como organismo de Ação Social da CNBB, como elemento integrante das novas estratégias e diretrizes da ação evangelizadora da Igreja Católica no Brasil. De início, a intenção estava em torno do

trabalho voluntário de prevenção de doenças e na marginalização junto às famílias, através da fraternidade, da democratização do saber, da formação humana para a prática do exercício da cidadania, tanto da sociedade como do poder instituído. No programa da Pastoral da Criança, “a mulher e a família teriam que ser o alvo para se alcançar os objetivos de salvar vidas e prevenir a marginalidade das crianças.” (NEUMANN, 1998, p.13) Depois, firmou-se uma rede de solidariedade no combate à desnutrição e à mortalidade infantil, buscando a melhoria da qualidade de vida das crianças brasileiras.

Diante de conflitos e incertezas, a experiência do Paraná foi positiva e com o apoio da CNBB e UNICEF, em menos de dois anos, foi estendida para as principais Dioceses do país.

Em Natal, a Arquidiocese acolheu a proposta no ano de 1985 e firmou o compromisso de acompanhar sistematicamente o desenvolvimento de crianças, na faixa etária entre zero e seis anos, mobilizando líderes pastorais no trabalho de prevenção da desnutrição, violência familiar e mortalidade infantil. O objetivo está em manter o maior número de crianças distante da situação de risco.

Ao longo dos últimos anos, a instituição foi conquistando seu espaço de atuação, legitimidade, credibilidade pelos resultados promissores que vem apresentado a sociedade quanto a diminuição da mortalidade infantil.

O trabalho firma-se no que se denomina de metodologia comunitária pela organização de grupos nas paróquias para aprenderem ações básicas de saúde, nutrição e educação, ajudando a diminuir a mortalidade infantil no país. A atuação é dirigida às comunidades carentes do campo e da cidade, sendo articulada pela iniciativa do Líder Comunitário², aquela pessoa que cuida de pesar a criança; motiva as famílias para cuidar melhor da alimentação, aproveitando alimentos regionais de baixo custo e elevada qualidade; convence as mães na amamentação dos filhos; ensina a fazer o soro caseiro para a prevenção da diarreia; articula os serviços públicos para a promoção de vacinação e programas de saúde e educação; realiza a alfabetização e encaminha os projetos de geração de renda para auto-sustentação das famílias.

Entre os diversos programas executados nas comunidades, destacam-se os seguintes: apoio integral da gestante; incentivo ao aleitamento materno;

² O Líder Comunitário é a espinha dorsal da Pastoral da Criança, por isso deve “gozar de confiança da Igreja; ter espírito missionário; estar comprometido com o trabalho comunitário; ter facilidade de comunicação com o povo; ser capaz de trabalhar em equipe; saber valorizar o trabalho de cada um; estar sempre disponível para aprender e partilhar seus conhecimentos; ser agente de transformação; articular e somar esforços em benefício das famílias e da comunidade; saber organizar, delegar, animar e celebrar a caminhada.” (NEUMANN, 1998, p. 35)

vigilância nutricional; educação essencial; alternativas alimentares; controle das doenças diarreicas; estimulação para a vacinação da criança e da gestante; prevenção de doenças respiratórias; medicina caseira; catequese do ventre materno aos seis anos; alfabetização de jovens e adultos; geração de renda; participação do controle social; comunicação social.

O conjunto de atividades que a Pastoral da Criança executa na comunidade é denominado de ação social constituída de três etapas essenciais. Um Agente Pastoral esclarece: “[...] temos um tripé das atividades do líder: [...] o peso mensal da criança, que chamamos de vigilância nutricional; [...] a visita domiciliar uma vez por mês; [...] e a reunião de avaliação e reflexão.”^{API} A esse respeito a Coordenação Nacional é bastante exigente e apenas reconhece a existência da Pastoral da Criança numa comunidade quando confirma a interação entre os três momentos.

A ação social aqui definida como “[...] uma ação racional referente a valores, [...] orientada pela crença no compromisso próprio [...]” (WEBER, 1991, p.19;25) Obedecendo a essa lógica de ação, os indivíduos agem motivados pela convicção pessoal, para o cultivo da dignidade, da piedade, dos direitos religiosos ou outras causas humanas. Ação que é realizada com a intenção de atender as necessidades de outros indivíduos.

Ação social legitimada ao encontrar reconhecimento no carisma pessoal dos leigos e na Doutrina Social da Igreja, que apontam para diálogo inter-religioso, a solidariedade, a espiritualidade da práxis, a evangelização através da fé e da intervenção social.

A Pastoral da Criança institui uma ação social fundamentada na mística, uma mística de natureza cristã, que move a caridade pela fé e acentua o dever de realizar o trabalho. Primeiro, a cobrança de si mesmo diante da divindade e depois, o compromisso perante a Santa Sé.

É através da mística que vem o entusiasmo, o desejo de engajamento, dedicação, oferta de serviço gratuito ao outro carente, provocado pelo “[...] carisma que faz o corpo andar em busca de realização de causas solidárias.” (BOGO, 2002, p.16) Apela-se para a mística pela necessidade de descobrir mediações novas, acessíveis e viáveis aos interessados.

Na Pastoral da Criança, a mística é um sentimento forte que garante a ligação social no interior do movimento, promovendo uma unidade de ação e pensamento. Uma mística cristã ou eclesial que é sinônimo de espiritualidade ligada à vida, celebração, oração, comunhão e caridade. Atividades e sentimentos bastante eficientes na

consolidação de uma ideologia e serviço próprios, configurando o que entendem por rede de solidariedade.

A noção de rede aqui utilizada é a mesma partilhada por Elias (1970, p.12) quando a define como “[...] jogo de interdependências entre indivíduos e grupos sociais.” Uma instituição como a Pastoral da Criança constitui-se essencialmente por grupos de seres humanos articulados entre si e que constroem configurações específicas de relações sociais.

A Pastoral da Criança assume uma configuração, cujo eixo central é a criança na família. Os Agentes Pastorais estão presentes na base de sustentação dessa rede de indivíduos, sendo os responsáveis pela articulação da teia de interdependências que fornecem integração e lógica a ação social. Neste sentido, “[...] a interdependência é uma condição prévia para que se forme uma configuração.” (ELIAS, 1970, p.142.)

A ação social da Pastoral da Criança está vinculada a três eixos: da interação quando propõe a realização das visitas; da vigilância ao realizar mensalmente a pesagem das crianças; e do planejamento quando reúne os líderes para refletirem sobre o trabalho.

Como estratégia de atuação, a criança não pode ser tratada fora do contexto familiar. As ações básicas de saúde, nutrição, educação e ações de cidadania envolvem os pais como co-promotores do desenvolvimento integral de sua prole. O bem estar da criança relaciona-se diretamente à situação em que se encontram os seus familiares. Se for um contexto de carência, refletirá diretamente no modo de vida dos sujeitos. A recomendação é que o líder da Pastoral da Criança oriente aos pais como cuidar de sua família, sabendo que não terá o auxílio de receitas prontas, mas a oportunidade de refletir sobre os problemas e conjuntamente procurar caminhos para resoluções.

Neste sentido, entende-se que as práticas de apoio à infância pobre, no contexto de intervenção da Pastoral da Criança, são de natureza preventiva e objetiva atingir as carências da criança no seio da família pela aprendizagem de maneiras alternativas de cuidado.

Na composição da Pedagogia da Sobrevivência identificamos a arte de cuidar como o cerne da ação social da PCr nos bolsões de miséria. O cuidado se apresenta como modalidade de ação para o escape da criança pobre. “O cuidado na Pastoral começa antes da criança nascer. [...] a infância começa com os nove meses de gestação e depois, durante os primeiros seis anos de vida, [...]”. ^{API} Para os Agentes da PCr, a infância requer cuidados que garantam oportunidades para o desenvolvimento

físico, cognitivo, social, cultural e espiritual da criança, enquanto pessoa humana: “É olhar para a infância [...] dar oportunidades a essas crianças carentes.”^{AP4}

Para a Pastoral da Criança o objetivo mais importante do trabalho é cativar a família para aprender a cuidar dos filhos. Defendem que deve ser uma prioridade dos pais: “[...] incentivamos para que eles dêem mais prioridade, mais ênfase na questão: cuidar da infância.”^{AP7} Há um apelo para que a criança não seja esquecida e sofra em decorrência de direitos negados.

É presente nos discursos uma forte exigência por respeito à satisfação de bens essenciais para a vida como a nutrição, a segurança, a formação, aliados ao exercício da afetividade: “[...] respeitar a criança é cuidar tanto no aspecto afetivo, como no aspecto biológico.”^{AP3} Para respeitar essas necessidades vitais é indispensável que as pessoas adultas aprendam a ver, ouvir e amar: “Ela precisa ser amada e respeitada ainda no ventre materno.”^{AP3}

Ao considerarem tanto os bens essenciais biológicos e emocionais como variáveis determinantes no cultivo da criança, os Agentes Pastorais tratam do que Super & Harkness (1986) denominaram de nicho de desenvolvimento, em que

[...] o meio e o indivíduo são concebidos como dois sistemas abertos que interagem constantemente, existindo para além dos fatores biológicos e maturacionais, todo um conjunto de variáveis que interagem entre si e que interferem no desenvolvimento e educação da criança, [...]. (apud RAMOS, 2003, p. 165)

O nicho de desenvolvimento diz respeito ao lugar de cuidado da criança que é a família, considerando o contexto físico-ecológico-sócio-cultural em que vive. Implica nos meios materiais e humanos que permitem os cuidados a cada criança numa determinada cultura, que modela os estilos de *maternage*³, um saber fazer específico. (RAMOS, 2003, p.166)

Por meio da orientação os familiares das crianças acompanhadas aprendem a lidar com a prevenção, com o essencial, o alternativo e as probabilidades na produção de táticas de escape, frente às condições de exclusão e extermínio social.

³ Para Ramos (2002) os estilos culturais de *maternage* se manifestam de três formas: na forma distal quando a mãe interage com o filho pela voz e o olhar; na forma proximal, quando há um predomínio das interações táteis e cinestésicas; na forma próximo-distal quando ocorrem interações visuais, verbais, táteis e cinestésicas. A partir de uma filmografia, autora a categorizou as diferentes maneiras de interação entre pais e filhos.

A Pastoral da Criança ensina que é importante prevenir ao promover a vacinação e o aleitamento materno; ensina a lidar com o essencial ao orientar sobre os indicadores de oportunidades e desenvolvimento da criança, pela satisfação de necessidades vitais como: nutrição, saúde, educação, ludicidade e segurança na família; ensina a lidar com o alternativo ao estimular o cultivo de plantas medicinais, a produção de remédios caseiros e a divulgação de uma culinária alternativa que propõe uma alimentação enriquecida de fácil acesso e de baixo custo; ainda ensina os familiares a lidarem com as probabilidades ao advertir sobre perigos que podem colocar em risco a saúde ou segurança materno-infantil. Os sinais de risco são importantes indicadores, pois mobilizam os parentes para uma ação de intervenção antes do problema torne-se mais grave e provoque a morte da gestante ou da criança. Essa pedagogia da sobrevivência firma-se numa arte de cuidar que requer ações de vigilância e inventividade das comunidades pobres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Raimundo Caramuru de. **Brasil: uma Igreja em renovação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- BOGO, Ademar. **O vigor da mística**. São Paulo: Associação Nacional de Cooperação Agrícola (ANCA), 2002.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução: Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1970.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **L'entretien Comprehensif**. Paris: Nathan, 1996.
- LACOUTURE, Jean. A História imediata. In.: LE GOFF, Jacques. **A história Nova**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 215 – 239.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil: hipóteses para uma interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MATOS, Henrique C. José de. **CEBs: uma interpretação para ser cristão hoje**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 6. ed. s.l.: Zahar, 1975.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In.: MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, José Mateus. **Vinde a mim os pequeninos**: práticas educativas da Diocese de Natal (1945-1955). Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

NASCIMENTO, José Mateus. **A história dos Grupos Mirins de Saúde como prática educativa da Arquidiocese de Natal** (1973-1979). Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

NEUMANN, Zilda Arns. **Nós somos a Pastoral da Criança**: nossa história e organização. Brasília: Pastoral da Criança, 1998.

OLIVEIRA, Marlúcia de Paiva. **Igreja e renovação**: educação e sindicalismo no Rio Grande do Norte (1945-1964). 1992. 317f. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____. A Igreja dos anos 50: o Movimento de Natal. In.: ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. (Org.) Igreja e política no RN. Natal: Z Comunicação & Sebo Vermelho, 2000.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Abrangência e resultados**: relatório anual. Curitiba, 1999.

PASTORAL DA CRIANÇA. Folder Informativo. 2000.

PASTORAL DA CRIANÇA. Folder Informativo. 2001.

RAMOS, Natália. Etnoteorias do desenvolvimento e educação da criança: uma perspectiva intercultural e preventiva. In.: PIRES C. et al. (Org.). **Psicologia, sociedade e bem estar**. Leiria: Ed. Diferença, 2003, p. 161-177.

_____. Educação, saúde e culturas: novas perspectivas de investigação e intervenção na infância. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano 36, n. 1-3, 2002, p. 463-487.

SILVA, Rosanália de Fátima e. **A entrevista Compreensiva**. Natal: UFRN, 2003. 24f. (digitado)

SUPER, C.; HARKNESS, S. The developmental niche: a conceptualization at the interface of child and culture. **International Journal of Behavioral Development**. 1986, p.545-569.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 3 ed. Brasília: ED. Universidade de Brasília, 1991.